

## **Relatos de uma experiência vivida na direção de uma unidade universitária da Unesp *Memórias do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber quando diretor do Ibilce - 1979 – 1983.*<sup>i</sup>**

*Existe uma dicotomia muito grande entre o poder e o conhecimento, por melhor que seja, produzido nas universidades e nas instituições de pesquisa, tem dificuldades para varar o bloqueio do poder, porque o poder é reorientado por pessoas e grupos comanditários, quando não, especuladores.*

Aziz Nacib Ab'Sáber

### **O convite para dirigir uma unidade da Unesp**

A primeira coisa que eu teria que dizer nesta entrevista é a trajetória da minha chegada à direção do Ibilce – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto. Para minha surpresa, em 1979, foi feita a lista sêxtupla para a escolha de um diretor; isto, mais ou menos, datas não me são muito precisas, mas creio ter sido em setembro de 79. Já faz 22 anos, portanto. Por isso é difícil de precisar as datas. Para minha surpresa, a lista continha quatro professores da casa e dois professores de fora. O quinto nome da lista era de um ilustre professor de Espanhol da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP e o sexto era uma pessoa que eu não sei por que colocaram meu nome lá, mesmo porque eu era completamente desconhecido da direção, da Reitoria e das autoridades da Unesp aqui em São Paulo. E, evidentemente, havia um endereço: os quatro professores da casa não eram do gosto do Magnífico Reitor para a nomeação e o quinto tinha família em Rio Preto. Então ficou bem claro que seria o quinto a ser escolhido, a quinta personalidade do processo. E não sei por que razões esse moço não quis aceitar a direção e aí, por acaso, Aziz Ab'Sáber, desconhecido, o reitor nunca tinha me visto, eu não conhecia ninguém da alta direção da Unesp, o Aziz foi o nomeado.

Quando falaram comigo sobre a possibilidade de eu ser nomeado, falei com minha mulher, Cléia, dizendo: “Tem um problema, porque Rio Preto é longe”. Só que Cléia, gaúcha, não entendia muito de distâncias e incentivou que eu aceitasse. Aí começou um novo drama. Tinha sido divulgado que eu tinha sido indicado e o Conselho Universitário da USP fez uma das suas, coisa que eu jamais perdoei a ele: não permitiu que eu fosse liberado para ser diretor de Rio Preto. Começaram os problemas. Então eu tive que aceitar a indicação, continuar no Instituto de Geografia (USP) como diretor, o que me dava muito trabalho, e como professor, dando alguns cursos no Departamento de Geografia da USP. Isso me deixou muito triste, porque eu precisava desenvolver um trabalho no Ibilce, independentemente de muitas outras atividades em São Paulo. Mas consegui algumas soluções alternativas e fui para Rio Preto. Ficava três dias e meio em Rio Preto e o vice-diretor, meu amigo, cobria o restante, um e meio a dois dias.

Chegando lá, pude perceber alguns dos problemas. Os professores que tinham sido indicados, os quatro primeiros, tinham uma posição bastante rígida, radical, não socialista, nem ligeiramente voltada para o social, mas uma posição de comando e o resultado é que foi essa uma das razões que levaram o reitor a não indicá-los. Eram os principais professores da casa, porém a conduta não era uma conduta muito aberta, eles radicalizavam as posições. Outra coisa que percebi desde o início, é que havia uma rotina empregatícia: os professores mais importantes empregavam seus parentes, seus filhos e os funcionários também empregavam pessoas a eles ligadas. A Faculdade, o Ibilce era então, um lugar endógeno. Tive que tomar medidas, aparentemente bastante tristes, porque interrompi esse processo. Quem

está, fica, quem for indicado daqui para a frente não pode ter relacionamento com professores e/ou com funcionários. Isso resolveu um problema.

### **Biblioteca, editoração e leituras**

Quando fui indicado, um jornal de Rio Preto me procurou em São Paulo para saber quais seriam as minhas providências. Então falei que eu ia dar uma atenção, muito cuidadosa, à questão da biblioteca, por várias razões, incentivar a seleção de professores dentro das progressivas necessidades e tentar administrar a escola em todos os níveis. Inclusive, no caso, incentivei a formação de uma cooperativa, que os professores aceitaram em princípio bem, mas depois, quando saí, eles a destruíram. Não era fácil administrar porque existia uma espécie de atmosfera de propriedade da instituição.

Trabalhei muito pela biblioteca. Nos dias em que estava em São Paulo, minha missão era percorrer as livrarias, escolher livros etc. Alguns dos livros que não encontro mais em lugar nenhum estão lá ainda. Tem um livro, chamado *Le trois cervaux de l'homme*, que a qualquer hora eu vou pedir para tirarem um xerox para mim, porque preciso desse livro, *Os três cérebros do homem*.

Eu viajava de madrugada, saía às três horas da madrugada, era noite alta, tinha o chofer da Unesp, Durval, era o nome dele, uma pessoa muito profissional, muito boa e ele ia me buscar na Granja Viana. Saía lá de Campos Elíseos, ia até a Granja Viana e, de lá, nós nos tocávamos para Rio Preto. Chegávamos sete e meia, oito horas. Parávamos um pouquinho para tomar um café no caminho. Foi difícil, meus familiares ficaram muito perturbados com essa necessidade, porque eles não sabiam da distância real. A distância em tempo. E aí, eu pousava lá, um dia, dois, no terceiro voltava à noite, ou no quarto, voltava pela manhã e foi um período muito difícil para mim. No entanto, em termos de interesse pela unidade, eu tinha uma espécie de *elan*. Eu me satisfazia com a direção, no sentido de provocar mudanças.

A primeira mudança, que não foi prevista no dia em que eu dei a entrevista para o jornal, foi a seguinte: os professores estavam viciados em fazer apostilas. As famosas sebatas andavam por todo lado dentro da unidade, e eu tenho para comigo que trabalhos com apostilas vão fazendo com que os conhecimentos se rotinizem e não cresçam, não se atualizem. Então resolvi fazer uma mudança, disse: "Vamos acabar com as apostilas. Quem tiver um bom trabalho para ser editado, vamos editar uma publicação interna, da própria Faculdade, e com isso nós vamos ganhando uma sequência de trabalhos. Os que não tiverem, que fazem as apostilas e ficam por anos com a rotina, peço licença para dizer que não gosto disso." Foi possível, então, organizar um simples sistema editorial interno, porque cada professor, para suas apostilas, pedia coisa de três a cinco mil folhas de papel sulfite. Aí eu eliminei isso: "Todo esse papel vai ser reservado para a revistinha".

Usamos o mesmo tamanho do papel, dobrado, e demos um título para a revista. Ao que eu me lembro, a minha memória não anda muito boa, nós fizemos para cada grupo, de cada área do saber, um pequeno boletim. Então era *Craton e Intracraton*, um nome geológico para o pessoal que cuidava da Geologia, da Minerologia e da Paleontologia. *Craton* quer dizer um conjunto de terrenos muito rígidos, antigos, e *intracraton* são as bacias sedimentares que estão aninhadas sobre o embasamento desses terrenos antigos, uma herança que interessa muito ao Brasil, porque os *cratons* estavam emendados, África e Brasil, depois se separaram e criou-se o Atlântico. É uma longa história de Geociências. Criei também uma revista para o pessoal das Letras, que gostava mais da área de ficção poética— chamava-se *Stilus*— e também uma para o pessoal da Botânica, a *Vegetália*. Mais tarde, uma que não funcionou muito bem, porque não recebeu muitos trabalhos foi da área de Genética: *Genoma*. Foi a primeira vez que apareceu este nome, no passado. Hoje fazem uma demagogia enorme em torno disso. E, finalmente,

achei um modo de ter uma revista mais geral, um boletim mais geral, que se chamou *Inter-facies*, para qualquer tipo de área do saber, e esse *Inter-facies* cresceu, ficou com mais de cento e tantos números. E aí eu editava muitas coisas minhas, alguns professores pediam por favor que não saísse nas especializadas e saísse na *Inter-facies*, porque estava havendo muita repercussão. Inclusive, para alegria de todos, um ou outro artigo acabou sendo citado internacionalmente, apesar de ser um conjunto de boletins internos.

Surgiu uma questão: a Unesp estava revisando seu programa de editoração e ia criar uma série de revistas, unificando as publicações por área do conhecimento. Para cada área haveria uma sede, como por exemplo Rio Claro, que ficou com a área de Geografia. Mas alguém disse ao reitor que eu estava fazendo publicações à parte. Só que eu levei as publicações do Ibilce ao reitor e mostrei que elas eram mimeografadas e impressas lá mesmo, aí ele considerou que eram publicações internas, o que foi a salvação da minha campanha editorial. Por isso, nós conseguimos estocar as diferentes séries de boletins até o último dia em que estive lá. Mande fazer um tipo de armário cheio de compartimentos para colocar os números todos e a distribuição era razoável, mas não perfeita, porque nós não tínhamos a condição de mandar a revista para níveis internacionais muito amplos. Mesmo assim, mandávamos para alguns lugares-chaves. Essa atividade me deixou muito satisfeito. Foi, talvez, uma das melhores atividades porque, de uma hora por diante, o pessoal se esqueceu das sebatas (apostilas). Ninguém mais lembrou.

Mas aí houve um segundo problema: era preciso organizar essa produção. Para poder fazer a datilografia dessas numerosas contribuições pequenas, eram de 18 a 24 páginas, raramente 40 páginas, eu fiz, na frente do salão do diretor, dois compartimentos, não fechados até o teto: um para o pessoal que batia à máquina e outro para o pessoal que fazia as correções. Usamos o pessoal disponível da própria casa, sem contratar ninguém.

Quanto à biblioteca, tomei duas decisões – gosto de pessoas que dirigem um setor e que tomam algumas decisões que não são necessárias de passar por conselho, por nada, são coisas lógicas. A primeira decisão na biblioteca foi criar uma sala especial de leitura, à parte das mesinhas de leitura. Por ser um centro universitário no interior de São Paulo, eu procurei separar um espaço para colocar jornais de várias partes do Brasil, foi a inovação. Me lembro até hoje, era o *Correio do Povo*, do Rio Grande do Sul, *A Tarde*, da Bahia, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, o *Jornal do Brasil* e, talvez, um jornal da Amazônia, se não me engano, *O Liberal*. Fiz a experiência, para ver se os alunos atendiam a essa projeção de conhecimentos no nível de Brasil. Não foi fácil, não foi fácil porque eles não estavam acostumados a ler vários jornais e a gente fez tudo que pôde para incentivar esse tipo essencial de leituras, mas depois tivemos que diminuir as assinaturas. Só lamento que não tivessem maturidade suficiente, pelo menos, para cortar as duas primeiras páginas de todos os jornais e guardar em pastas grandes, como documentos sobre a evolução cotidiana da História. Faço isso pessoalmente, em casa. Da *Folha*, tiro a primeira página e a segunda, corto, ponho numa pasta grande e estou guardando para o ano de 2000 e 2001, provavelmente não vá guardar para sempre. Não é fácil fazer isso; na USP, alguns setores recebem os jornais, guardam por um mês, às vezes ninguém lê, e depois jogam fora. Então, pelo menos aquela parte que tem notícias mais gerais, nos jornais de hoje, por exemplo, tem alguma coisa da Argentina, depois tem alguma do dólar, etc. Em 2003, as inúmeras notícias sobre a perversa guerra do Iraque, alguma coisa disso, pelo menos notícias principais, estão na primeira, na segunda e terceira páginas, tem editoriais e artigos que, para mim, são muito importantes.

Essa atividade criou pelo menos uma salinha de contato entre alguns alunos que tinham mais sensibilidade para acompanhar o cotidiano. Devo explicar, para as pessoas que não me conhecem, fiz História e Geografia, então cuidava de problemas do tempo e do espaço e daí essa tendência para recuperar o cotidiano como parte da história, em processo, fato essencial,

no sentido de que é a vida da sociedade e das comunidades, enquanto que a história que se coloca nos livros, livros de texto etc. é muito formal ainda.

Na biblioteca, comecei a sondar os livros que os alunos consultavam. Eu ficava à noite, não tinha o que fazer depois do jantar, porque eu jantava em qualquer restaurante da zona próxima da escola, ou no Centro, e tinha muito tempo e ia para a biblioteca. Comecei então a sondar os livros que os alunos liam preferencialmente. Aí fiquei escandalizado, porque eles deixavam os livros em cima de uma mesinha, os que foram usados durante o dia. Ah, não tive dúvida: aquilo ali era um dado fundamental. E aí eu falei com a bibliotecária, nem me lembro o nome dela, ela foi muito atenciosa. Tomamos então a liberdade de incentivar os alunos a lerem coisas mais diversas, houve uma diversificação e essa diversificação foi fomentada em certas colaborações que eu dava, diretamente para os alunos no Centro Acadêmico e também através de um tipo de aula, muito polêmica, que foi implantada durante a ditadura, que era Estudos de Problemas Brasileiros e que ninguém gostava, de forma que era obrigatório assistir às aulas de Estudos de Problemas Brasileiros. De vez em quando, o professor, que era um advogado da cidade, me pedia para ir falar com os alunos lá nas aulas de Estudos de Problemas Brasileiros, e eu então fazia a propaganda da leitura. É triste a gente ter que dizer isso, fazer a propaganda da leitura numa universidade, mas precisava. E talvez precise até hoje, em várias e muitas escolas superiores. A partir daí, comecei a visitar todas as livrarias de São Paulo em busca de novidades. Eu fazia a listagem, eles colocavam o preço e eu levava para Rio Preto, estudava com algumas pessoas e selecionava uns livros que eram adquiridos diretamente nas livrarias de São Paulo. A Livraria Francesa, a Livraria Cultura, não sei, e algumas livrarias de obras inglesas que existiam aqui, hoje não existem mais, infelizmente, e assim por diante. Foi gratificante essa ação de selecionar livros que não chegavam nas livrarias de São José do Rio Preto, porque lá era acanhado o movimento cultural.

### **A Geociência, o acordo Brasil /Alemanha Oriental e o Ibilce**

Querida revelar algumas coisas do setor de Geociências. Eu tinha grande apreço pelo Fahad Arid e seus colegas da área de Geociências, mesmo porque em Rio Preto não tinha cursos de Geologia e eles trabalhavam muito bem fazendo publicações em revistas importantes, etc. Então, quando soube que a Reitoria teria a possibilidade de compra de instrumentos, de interesse laboratorial-universitário, compra a ser efetuada em função de um convênio que estava sendo empreendido com a Alemanha Oriental, procurei me inteirar do assunto para conseguir alguma coisa para o Ibilce. Fiz gestões aqui, na Praça da Sé, e me disseram que eu teria que fazer um estudo prévio para saber quais os tipos de instrumentos adquiríveis. E, na condição de diretor do Ibilce, não tive dúvidas, carreguei nos instrumentos melhores que a Alemanha tinha em termos de microscópios e para o setor de Zoologia, Botânica e Geociências, estereoscópios para observar fotografias aéreas. Naquele tempo ainda não existiam imagens de satélites, então nós estávamos muito interessados no uso das fotografias aéreas para observar e ver espaços ecológicos e paisagens geomorfológicas. E o que eu fiz? Então tomei a iniciativa de montar para a equipe do Fahad um laboratório de fotointerpretação pensando que o Fahad logo fosse reintegrado e custou, não sei nem como é que aconteceu depois. Então peguei um corredor à frente do lugar onde tinha um boxe dos professores, e era lá, e fiz uma série de bancadinhas baixinhas, com cadeiras e uma mesa, tudo de alvenaria, para poder colocar os aparelhos. E no caso dos professores da área de Biologia, Genética, Zoologia e Fitogeografia etc. eu disse: "Agora, nós vamos fazer uma edificação para vocês para ter um centro de microscopia integrado. Não vou doar dois microscópios para uma sala A, dois para outra. Não é pessoal, quero uma unidade que tenha a possibilidade de serem usados os aparelhos, alternadamente com os microscópios ali resguardados, pelo pessoal da

Genética, o pessoal de Biologia Geral, de Microbiologia, etc.” Aí entrei numa contribuição que considero importante para o Ibilce: eu já conhecia todos os funcionários e sabia de todas as suas potencialidades. Convoquei quatro funcionários e perguntei a eles: vocês estariam dispostos a colaborar para a gente construir algumas edificações que eu considero essenciais aqui no câmpus? Por exemplo: o velho convento que se transformou no prédio principal do Ibilce está bem no centro e à frente de uma enorme área, de um lado tinha um campo de futebol e de outro, tinha outro campo de futebol, que às vezes a gente emprestava para gente de fora, era um procedimento normal. Mas ele não tem nenhuma segurança nos quatro cantos, sobretudo nos cantos mais internos. Daí porque imaginei um projeto – integrar um conjunto de vários edifícios que pudessem servir à instituição e à defesa de nosso pequeno território. E os recursos serão os próprios que a Faculdade possa ter. Quer dizer, recursos que eram carregados para certos setores, que eu considerava inócuos, eles vão para essas construções.

Para esses funcionários eu devo uma obrigação fantástica, porque eles apoiaram a ideia. Então nós construímos num dos cantos mais internos, o que dava para uma rua na retaguarda do câmpus, uma casa para o zelador. O zelador podia morar dentro do câmpus, era uma espécie de moradia e de guarita de segurança. Na frente dessa morada, construímos um biotério, da Zoologia, que antes estava no interior e ue era muito pobre, não tendo condições de conviver com outras salas e departamentos do prédio do antigo convento. Deixamos uma pessoa, ligada ao professor de Zoologia, para poder cuidar dos animais que o biotério necessitava.

Fiz isso sobretudo porque sabia que houve um incidente em que se trouxeram do exterior abelhas africanas e um funcionário as deixou escapar, e elas dominaram e criaram os maiores problemas para o pobre do professor que trouxe as abelhas da África, que foi o Prof. Warwick Kerr. Tinha que ter um setor bem estudado, com duas portas etc., para vários tipos de acantonamento correto de animais. Além do biotério fiz, ao lado da Faculdade, não muito longe, coisa de cinquenta metros, o Centro de Microscopia. Esse Centro de Microscopia foi bolado com duas salas, um *hall* frontal e um pequeno setor entre duas salas menores, e aí se fizeram as mesas e se colocaram os microscópios todos. Trabalhei com os professores para que eles fizessem um horário diferenciado de uso da aparelhagem: tal dia era para Biologia, tal dia era para Microbiologia, e deu muito certo isso. Pela primeira vez, eles deixaram de ser individualistas, porque foram 24 microscópios de alto nível, ou coisa que os valha, que, de repente, “caíram do céu”. Mas agora eles tinham tempo suficiente para dar as aulas e ter alguns microscópios a seu serviço na sala vizinha. Foi uma das coisas boas que penso que fiz. Se fosse controlar o preço desta construção, seria coisa de R\$ 200.000,00 de hoje e ficou a custo quase zero. Quando levei o reitor lá, numa das poucas visitas que fez, ele disse: “Mas eu pensei que era uma coisa pequena, professor. O senhor se aventurou a fazer isso”.

## **Novas edificações no Câmpus**

Além dos cuidados com o apoio à pesquisa, uma outra preocupação foi encontrar um espaço adequado para que os estudantes tivessem a possibilidade de exercer suas atividades próprias. Então, fiz um setor para os alunos. O Centro Acadêmico tinha uma salinha pequenina para os alunos, onde não dava para ficar mais de dez pessoas, daí porque eles ficavam quase sempre num bar do Centro Acadêmico. Enquanto estive em Rio Preto, mantive muito boas relações com os alunos, sempre. Eles sentiam que havia um desejo de removimentar a casa. Então, construí um prédio, com uma entrada aqui, de outra banda, três ou quatro boxes vazados, e esse seria para os alunos. Mas isso ficou pronto um pouco antes de eu sair e aí, então, quando se esgotou meu tempo de direção, um professor, que não estava contente com

o espaço que ele tinha lá dentro do velho prédio, ele abocanhou esse prédio e transformou isso num laboratório importante.

Eu gostava muito do professor Paulo César Naoum, o protegi tanto quanto pude, porque fez um trabalho muito importante para mim e para a sociedade. Ele recebia sangue de pessoas de Cubatão, estava havendo aquele problema de nascimento de criança sem cérebro e era preciso sondar se era a poluição que estava ocasionando isso, e, então, uma pessoa de um hospital, que depois veio a ser vereador em Cubatão, mandava pelo correio caixinhas com sangue, quer de pessoas que estavam no hospital, quer de pessoas que trabalhavam em fábricas, muito sujeitas a ambientes internos muito poluídos, e o jovem professor Naoum, fez excelente trabalho. Só que depois ele cobrou, ficou com a casa dos estudantes. Isso é típico da universidade, nunca mais nos falamos e ficou por isso mesmo.

Uma outra coisa que fiz foi, próximo do campo de futebol, um vestiário duplo, uma parte para os moços, uma parte para as moças, sempre construindo dessa forma. Comprava os tijolos, comprava o cimento, tudo dentro da maior lisura, às vezes até eu ia lá dizer: "Faça o menor preço possível, porque nós não temos os recursos". E aí ia lá o tesoureiro e comprava, mas já sabia que o preço para nós era baixo. Ali mesmo nos arredores da Faculdade havia casas de material de construção que vendiam um pouco de tudo. Então, esse vestiário era importante, porque não tinha lugar com sanitário, com chuveiro para os alunos que faziam esporte, a não ser os banheiros da escola.

Por último, aconteceu uma construção inesperada que eu não sei se foi terminada. Havia um grande professor alemão, dr. Buggenhagen, que tinha fugido da época do nazismo, pensando, eu acho, ir para a Amazônia ou coisa que o valha, e no fim, foi ter em Rio Preto e gostou da cidade, cidade movimentada. As cidades da Alemanha são muito quietas, calmas. Muito tempo depois, vim a conhecer Kassel e senti que são cidades solitárias, no período de inverno, então, são tranquilas demais para o nosso modo de viver. E ele gostou de Rio Preto, se acomodou num hotel central, perto da praça, e dava sua colaboração na área de Letras Germânicas, com muita capacidade. Quando ele foi ficando mais velho, ficou preocupado com seu patrimônio. Já que sua família na Alemanha não precisava, ele queria fazer qualquer coisa pela Faculdade. E aí ele viu nascer todos aqueles pequenos prédios que tomei a iniciativa de construir. Registro o fato de que um arquiteto da cidade disse: "Não, não pode construir sem a minha autorização.". Eu disse, "Então faça um processo contra mim, porque é uma coisa interna do câmpus e eu não posso lhe dar essa atenção que você quer". O problema deles é ganhar dinheiro com esses projetos todos, enquanto que eram apenas pequenos edifícios funcionais, não sendo nada decorativos. Era coisa muito simples, que eu bolei. Aí o professor Buggenhagen chegou para mim e disse: "Estou recebendo um dinheiro inesperado e gostaria de aplicar em alguma coisa nesse setor construtivo, que está melhorando nosso câmpus. Pergunto a você: será que não seria interessante construir lá perto do vestiário uma piscina para os alunos?". E eu lhe disse: "Isso é uma coisa fantástica, porque sábados, domingos e feriados os jovens que moram aqui não têm áreas condignas de lazer". Nesse sentido, Rio Preto era uma cidade muito acanhada. Havia um cinema, a praça e os restaurantes. Aluno, não tinha dinheiro para frequentar restaurantes. O Instituto tinha alunos paupérrimos, os quais encontrei depois, em várias oportunidades, em diversas áreas do meu país, inclusive na SBPC. No caso da piscina, começamos verificando o preço das bombas e de outros equipamentos, porque fazer um buraco e fazer as instalações eram a mesma operação que nós estávamos adotando para as outras construções. Então iniciamos a piscina, levantamos o custo do material necessário para a parte das águas e demos o andamento.

Depois da minha saída de Rio Preto, lá não sei como é que ficou. Esse professor já estava com oitenta e poucos anos, continuava dando a colaboração lá, depois adoeceu e foi para um centro de alemães, centro geriátrico final, terminal, na Raposo Tavares. Infelizmente, não pude ir visitá-lo, ele morreu aqui e deixou seu patrimônio para o próprio centro geriátrico.

Eu tenho para com ele uma lembrança muito grande e uma tristeza de não ter tido a possibilidade de ir até ele.

## A cidade e a Faculdade

São José do Rio Preto era uma cidade um pouco ligada a ex-fazendeiros, ou mesmo fazendeiros, que tinham mudado para a cidade por razões de comodidade, porque tinha um bom cinema, porque tinha bons restaurantes, porque tinha um ambiente mais amplo do que o das zonas rurais e, além disso, as estradas permitiam que as pessoas que tivessem propriedades rurais pudessem ir para a cidade e estar presentes nas suas fazendas. Percebi logo isso, mas nunca havia percebido como era reacionário esse conjunto de pessoas. Eu sabia que, ao se iniciar a Faculdade de Filosofia em Rio Preto, muitos anos antes, ela iria ter problemas, porque a aceitação de uma faculdade que teria que escolher professores de fora – já que não existia *know-how* local suficiente entre os professores da própria cidade –, sabia que iria haver conflitos, mas não sabia que esses conflitos iriam se deslanchar permanentemente, até o momento em que eu cheguei lá. Então o problema principal da cidade é que as professoras do ensino secundário pretendiam chegar a ser professoras da universidade, no Ibilce. Foi um drama isso. Um drama muito sério porque, ao pretender um lugar, havia a política pressionista das pessoas importantes, um vereador ou outro deputado estadual, outro deputado federal, etc. E aí percebi também que essa atmosfera implicava num controle muito exigente dos professores, do seu comportamento nas áreas centrais, nos restaurantes, no cinema, nos parques e isso foi um problema.

Havia, ainda, um outro problema, que foi o que me levou a aceitar um cargo de diretor. Era o diretor antes de mim, o dr. Fahad Arid. É um geólogo categorizado e uma pessoa extremamente educada, muito simples, e o Fahad sofreu uma campanha, por parte desses grupos hegemônicos da cidade, extremamente dramática, uma campanha que quase o fez enlouquecer e à família dele também. O Fahad tinha a senhora sua mãe morando numa cidade próxima, não sei se Mirassol ou qualquer outra cidade não muito distante, e ele, como bom filho, resolveu fazer uma reforma na casa da senhora sua mãe. Contratou aquelas pessoas que ele sabia que podiam fazer, destruir uma parede, colocar tijolos, fazer massa grossa, massa fina e, entre essas pessoas, ele contratou algumas poucas pessoas da própria Faculdade, para um trabalho extra, de fim de semana. E numa ocasião, essas pessoas foram ao local da construção com a caminhonete da Faculdade. Pois alguém de dentro da escola delatou isso para os políticos regionais e deslancharam uma campanha fantástica contra o Fahad, porque, diziam eles, ele estaria usando o pessoal do Ibilce e usando a condução para fazer uma casa para sua mãe. Foi isso que redundou na saída do Fahad, ele teve que se licenciar e ficou com um processo violento contra ele, só porque os hegemônicos da cidade influíam na polícia e queriam processar o Fahad policialmente por esse fato, e a reitoria da Universidade não tomava conhecimento da defesa de um importante professor seu. Podia esclarecer o que aconteceu e ver a honestidade do Fahad. Ele pagava por dia para aquelas pessoas, em dias que não eram de serviço da faculdade. O grande erro foi usar um dia a Kombi, e que alguém viu e imediatamente propagou perante os comanditários políticos da cidade, vereadores, outras autoridades, um ou outro deputado etc. Isso foi um drama para mim, porque a minha ambição era desenrolar esse assunto e atenuar essa pressão e, ao mesmo tempo, reconduzir o Fahad para o seu trabalho universitário. Era o pensamento que algumas pessoas tinham, levando em conta a minha ida para lá. Um colega aqui de São Paulo insistiu: “Às vezes você tem que botar ordem na casa e depois voltar.”

Foi ilusão tentar retornar a direção para o Fahad. A coisa era tão complexa que eu quero registrar o que aconteceu: o delegado de polícia mandava buscar os processos de dentro da

nossa secretaria, na faculdade, diretamente, sem consultar o diretor, para examinar os processos para ver se havia defeitos de comportamento do professor Fahad. Todos os processos. De repente, um dia, um dos funcionários, que passou a me considerar pessoa ativa e confiável, me contou que vinham pessoas buscar processos. E aí eu telefonei para a Reitoria, para a assessora do setor jurídico, dra. Sandra Julian de Miranda e contei o caso e pedi a ela, que fosse a Rio Preto, para que pudéssemos ir até à polícia protestar contra esse procedimento. Estávamos em plena ditadura, então tudo podia acontecer, mas era preciso protestar e dizer que quando quisessem consultar um processo, teriam que falar comigo, o diretor. A dra. Sandra ficou num hotel por um dia lá e nós fomos até a polícia. Aí o delegado de óculos pretos, como se fosse um acaso um diretor de Faculdade chegar lá, eu disse: "Estou aqui para dizer ao senhor que, quando precisar de processos da minha unidade universitária, é só pedir, mas não peça para funcionários, os funcionários não têm o direito de entregar processos." A dra Sandra, ali do lado, ela disse: "O professor Aziz tem toda a razão, isso não é uma coisa que se possa fazer". Ele ficou absolutamente quieto, não disse nada, devolveu os processos. Levei tudo de volta e contei mais ou menos algumas coisas do Fahad, o prestígio que ele tinha no meio dos geólogos, a educação que ele tinha, rapidamente, e, "até logo e até logo".

Mas aí eu descobri que a relação de dedicação era dos professores da própria casa para os vereadores da cidade. E havia um vereador que tinha se candidatado a deputado estadual, que era o chefe da briga com a unidade. Um dia me convidaram para ir até a Câmara fazer uma conferência, outros, que me conheciam. Fui lá, fiz uma longa conferência, e disse: "Há uma pessoa que está presente, mas escondida, vai ter que se mostrar." Silêncio total. O pessoal bateu palmas, "até logo e até logo, prof. Aziz, está muito bom e tal". Dessa maneira, amenizou o processo. Mas depois percebi que uma daquelas professoras da área de Educação, que tinham entrado no Ibilce, devido a esse processo, em que todo mundo queria, uma das professoras primárias que se dedicavam à Pedagogia etc. queria entrar na Faculdade. Era mais fácil os pedagogos entrarem do que os especialistas. Percebi que ela era senhora de um deputado, federal, se não me engano. Nomes, por favor, não me peçam, ainda mais por que tudo era muito delicado, essas pessoas tinham coisa de 40 anos, 38 anos. Aconteceu um fato que mostra como é que eles tratavam a gente: um dia, fui me despedir de uma dessas professoras, achei que não era o caso de rever nada, elas estavam lá, já eram direitos adquiridos, eram indicadas e aceitas pela reitoria, pela universidade. Mas um dia levei uma das professoras até à porta da Faculdade e o marido veio buscá-la. Sabe o que ele me disse? O marido, deputado federal? Ele olhou bem para mim e disse: "É esse o diretor?" Essa frase define a força política de alguns. Fiquei muito indignado por isso. "Até logo, até logo", nunca mais considerei essa pessoa. Um dia a encontrei, estava jogada numa instituição aqui, que fica dentro da USP, o CEPAM, ou coisa que o valha, fazendo serviços burocráticos.

## **Os efeitos do golpe de 1964 sobre o Ibilce**

Até aqui, teci considerações sobre a crônica de uma faculdade, contei as minhas atividades mais criativas e as minhas dificuldades relacionadas com a sociedade local em face de uma unidade universitária que tinha fundamentos, temas e objetivos culturais muito especiais. Mas vai daí que, um dia, uma senhora de Rio Preto me procurou na diretoria, sabendo que eu conhecia o ex-marido dela. Chegou e disse: "Professor Aziz, estou aqui para lhe lembrar de algumas coisas do Cantoni, professor desta casa que sofreu horrores durante a 'revolução' de 1964. Teve que ir para a América Central, se não me engano, Costa Rica, não sei, e lá adquiriu um câncer e quando retornou para o Brasil o câncer estava muito avançado e ele morreu. Eu sei que o senhor o conheceu e foi seu amigo. Estava cassado, não tinha recursos de



família, a senhora tinha ido morar com os irmãos”. Ela narrou esse drama todo e eu ouvindo aquilo estarecido! Aí ela disse: “Mas, professor, eu não gosto de contar fatos sem provas concretas, quero trazer os documentos feitos pelo pessoal que ia servir de testemunha nos Campos Elíseos, no setor onde estava o dr. Zeferino Vaz, que era o chefe da auditoria sobre os acontecimentos relativos às diversas instituições dos Institutos Isolados. Por isso mesmo, quando o pessoal da UNICAMP, meus amigos, falam, lembram do Zeferino Vaz, eu digo: ‘Esse homem colaborou intensamente com a ditadura, não tolero ouvir esse nome.’ Mas o certo é que as pessoas faziam entrevistas perguntando, um pingue-pongue: ‘O senhor acha que existe subversão lá no Ibilce?’. Depois: ‘Tem alguns fatos e documentos que provem o caráter subversivo?’” E aí então ela me mostrou dois desses documentos que ela tinha conseguido, por terceiros, por via de terceiras pessoas, e um deles dizia o seguinte: “É evidente que havia esquerda dentro da escola, pois imagine que um deles, professor tal, participou de um comício no dia 1º de Maio, no meio da praça”. Aquela praça central lá, tão querida, no centro da cidade de Rio Preto. Isso já era considerado subversão total, ter comparecido à comemoração do 1º de Maio, que era uma comemoração mundial, em todos os países. Dei a minha risadinha triste. O segundo fato, narrado no documento que me foi apresentado, dizia: “[...] que os professores foram convocados, foram convidados a irem a uma fazenda para participar de um Ciclo de Educação de Adultos Analfabetos”. Isso era também considerado subversão.

Eu fui, eu sou muito suave, mas, na realidade, eu fico explosivo. Aquelas narrações me deixaram desesperado! E aí eu procurei saber quais eram os professores cassados, porque ninguém me tinha contado até então, e apareceram algumas personalidades, que eu conhecia, que tinham sido totalmente prejudicadas, por esses motivos de dedaço de gente interna da escola, perante as autoridades do Estado, ligadas a questões de universidades, gerenciadas pelo Zeferino Vaz. A assinatura dele está em todos esses documentos. E depois Adhemar de Barros, se não me engano o Adhemar de Barros, dava a demissão daquelas pessoas. Foi isso que me levou a identificar os professores cassados.

Eu não tenho uma boa memória hoje, mas me lembro de um casal de professores que era diferenciado e me lembro do marido dessa pessoa que foi me contar todos esses trágicos acontecimentos e alguns outros que descobri por mim próprio. Houve um só caso em que a dedaço foi feita em termos políticos, mas na realidade foi porque o rapaz era muito simpático e namorava algumas pessoas da cidade, e isso não era tolerado por aquela sociedade. Namorava é o modo de dizer, tinha amizades. Então ele também foi incluído, pressionado pela sociedade urbana. Uma das professoras foi avisada pelo seu companheiro de que iria haver essas defenestrações na Faculdade e pediu demissão antes, e um outro, também. Saíram antes do processo e por isso não foram prejudicados. Mas foram prejudicados pelo fato de terem muitos anos de trabalho e de repente serem obrigados a sair com receio desses acontecimentos. Eu também incorporei esses no meu rol.

Alguém soube que eu estava tentando defender essas pessoas e acrescentou um professor de Araraquara, da área de Filosofia, e que sofreu horrores em Araraquara pelo fato de que era uma pessoa culturalmente muito erudita e muito ativa, e porque ele cometeu, para eles, entre aspas, o crime de convidar Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir para ir a Araraquara. Isso deslançou um processo inesperado. Aliás, devo contar os acontecimentos tais como foram contados por ele, para mim, quando o procurei. O Sartre veio para o Brasil, parou em Recife uns dias, uma coisa assim e esse professor enviou um telegrama especial, dizendo o seguinte: “Prezado Dr. Jean-Paul Sartre, sou professor numa faculdade do interior de São Paulo, de uma nova faculdade criada por iniciativa de um Governo Estadual, do principal Estado do país, que é São Paulo – naquele tempo era realmente e hoje continua sendo –, então eu queria lhe convidar para fazer uma palestra sobre tal assunto, que ouvi em suas aulas em Paris, e talvez o senhor possa completar o que disse lá e nos premiar com a sua presença numa unidade universitária do interior paulista”.

Resultado: Sartre conversou com seus companheiros e pessoas que estavam intercambiando as suas atividades e resolveu ir para Araraquara. Aí aconteceu exatamente aquele conflito entre os comandatários do processo, porém envolvendo religiosidade: "Onde já se viu vir um ateu para Araraquara! E ainda um ateu amasiado com uma Senhora Simone, fato conhecido no mundo inteiro". E aí o padre, que era um safado, padre de um colégio de crianças, e que se fala muito mal dele, em relação aos meninos que comandava, o padre resolveu, no mesmo dia em que o Sartre chegou em Araraquara, fazer uma reunião na igreja do povo inteiro de Araraquara contra o Sartre. E o professor foi obrigado a convidar pessoas de São Paulo e outros lugares para estarem presentes na conferência do grande pensador francês, porque senão não havia público. Ao que eu sei, foram os professores Antônio Cândido de Mello e Souza, Bento Prado, Cruz Costa, Octávio Ianni, e outras pessoas para prestigiar a chegada do Sartre. Então, acrescentei o nome do professor Fausto Castilho, que sofreu depois uma tremenda pressão sob a atmosfera da ditadura.

A questão com o Exército é curiosa, não houve participação nisso tudo diretamente de pessoas do Exército, pelo contrário, no caso do casal de professores de Rio Preto, em que a senhora era irmã de uma pessoa categorizada do Exército e que residia numa outra cidade, o dito cujo cidadão, irmão, fez um protesto formal: "Se vocês (o juiz, o promotor e o delegado) mexerem com a minha irmã, tenho condições de puni-los". Então, veja bem, não era exatamente o que se pensou, que fosse a ditadura diretamente que fazia, mas indiretamente era, porque deu prestígio para as pessoas maldosas. Então isso precisa ficar muito bem esclarecido. Deu prestígio tão grande às autoridades do interior a ponto de um juiz, sem nenhuma consideração em relação à faculdade, assumir a direção do Ibilce. Então ele ficou livre para fazer o que quisesse com os professores, daí é que eu descobri a trajetória das perseguições e esse juiz era certamente um idiota, vindo de outro estado, muito simplório, chegou a São Paulo, fez carreira, chegou a desembargador, não sei como, porque denigre o Judiciário daquele tempo. E ele nomeou o promotor como secretário da escola. Então, o juiz dominava tudo.

Vou dar um exemplo das coisas que ele fazia, fora essas pressões policiais: o chofer que me conduzia um dia disse: "Pois é professor, um dia eu vinha trazendo um aluno que encontrei no caminho para a Faculdade e o diretor estava me esperando e viu que eu estava transportando um aluno, a gente dava carona – isso é uma coisa que existe até hoje – e aí ele ficou furioso e disse: 'Bota esse rapaz dentro do carro e leva para a cadeia'." O rapaz está vivo se vocês quiserem fazer uma entrevista com ele, ele é vereador em Cotia hoje, Santo Siqueira. Esse nome eu guardei bem, porque eu moro em Cotia. Olha, judiaram do Santo Siqueira, porque ele era acho que presidente do Grêmio lá nesse momento etc.

## **A luta pela reintegração dos cassados**

Curiosamente, também perseguiram outras pessoas, e uma delas vai entrar na minha história. É esse moço que hoje é auxiliar direto do Fernando Henrique Cardoso, Aloísio Nunes Ferreira. O Aloísio ficou sendo advogado, como ele tinha um vínculo desde mocinho com a escola, ficou sendo o advogado de todos esses perseguidos, quando fiz todas as minhas cartas à Reitoria da Unesp, a última narração de que tenho registro é o que aconteceu aqui, neste mesmo prédio – Praça da Sé, 108 – dentro do Conselho. O Aloísio, milagrosamente tendo conseguido a readmissão de todo o grupo de pseudosubversivos, acho que soube, e me procurou, dizendo: "Professor, eu vim aqui..." – lá em minha casa, na Granja Viana, logo no início, tinha acabado de construir a casa, com dificuldade – "vim aqui pedir para o senhor trabalhar a favor dos cassados de Rio Preto", e eu disse: "Aloísio, já fiz tudo que podia. Já fiz as cartas, já defendi e falta apenas enfrentar o dia final da reunião do Conselho", que em sua

pauta constava a questão da reintegração dos cassados em função da Lei de Anistia Dupla, que era para todos os casos, dos sofridos e dos que fizeram sofrer. Por essa razão foi uma anistia bastante complicada.

Também fico triste com um dos rapazes que fazia parte do nosso Conselho e era muito ativo. Já que quando havia votações das coisas mais importantes, tinha só dois ou três a favor: era eu, um professor de Botucatu e esse moço, Francisco Graziano. Esse Graziano era representante, se não me engano, dos alunos ou dos assistentes, uma coisa assim, e ele tinha um comportamento muito bom, eu admirava. Mas agora, um dia desses, fui assistir uma reunião na *Folha de S. Paulo* sobre a Amazônia, estava presente o Governador do Amapá, outras personalidades e ele no fim. E quando ele tomou a palavra, foi o maior desastre cultural que eu já vi na minha vida. Fiquei tão furioso, que eu saí, passei, quando ele falou o último despautério, saí, passei pela frente e fui embora no meio da reunião. Ao sair da *Folha de S. Paulo*, senti o início de uma trombose no olho esquerdo e notei que estava cego do olho, de tanta raiva, porque não posso entender que uma pessoa que teve aquele comportamento exemplar, aqui dentro deste prédio, viesse a ser o que é hoje lá em Brasília. Mas veja bem, a gente fica triste de ouvir pessoas que começam bem, que parece que vão ser lideranças culturais incomuns e depois se transmudam, chegando a emitir opiniões absurdas, como aconteceu na *Folha*. A frase que me irritou tanto foi a seguinte: "Vocês falaram muito de índios, seria bom que vocês ensinassem para os índios o que é uma economia autossustentável". Não há no mundo da pré-história maior sustentabilidade do que os pequenos grupos indígenas, que sabiam muito bem pescar, coletar, caçar. Fiquei furioso e disse: "Meu Deus, como é que alguém, que foi formado na minha escola", porque sempre considerei a Unesp uma parte da minha vida, em função de ter aceito a direção de Rio Preto, e por isso não pude me conter, em face da fala de uma pessoa que sempre teve meu respeito.

## **O Conselho Universitário e a reintegração dos Cassados**

Desde a Anistia, tornou-se possível legalmente a reintegração de professores cassados, independentemente da radicalidade dos processos iniciais. Então, num dia, na pauta do Conselho Universitário, li que iria ser discutido o problema da reintegração dos professores. Enviei então ao reitor duas cartas manifestando meu apoio à reintegração daqueles professores. Para isso contava também com o apoio da Congregação do Ibilce que, a 13 de dezembro (1979), havia manifestado sua solidariedade à reintegração dos cassados. O documento da Congregação apresentava três considerandos: 1. a função social da Universidade Brasileira e seu papel no desenvolvimento cultural, científico e tecnológico da nação; 2. a responsabilidade acadêmica e cultural do Instituto diante da comunidade científica, seriamente afetada por atos de exceção que, no passado, afastaram docentes e pesquisadores de seu trabalho universitário; 3. a necessidade de defesa e preservação da dignidade universitária e dos ideais de pesquisa, de pensamento e de opinião.

A professora Wilma Bastos Ramos, mulher do reitor, já tinha me dito que desistisse, porque não iria ser possível reintegrar aqueles professores. A própria senhora, que também veio a ser, depois, uma das diretoras, é uma pessoa com quem eu me dava muito bem e com quem sempre colaborei. Inclusive fui, no dia que ela foi eleita diretora em Botucatu, compareci lá e foi lá que, num canto, o reitor foi chamado por um colega nosso para pedir que retirasse do processo, sobre a questão dos professores cassados, as minhas cartas defendendo aqueles professores. Não vou narrar o nome desse professor, que fez uma observação para o reitor, dizendo que ficaria muito perigoso para ele, porque estávamos num período de exceção, não sei o que, não sei que mais.

No dia da reunião (do Conselho Universitário), a pauta era grande, começou às 8h30, 9h e foi indo, foi indo pela manhã a dentro e eu esperando a hora da discussão da reintegração dos professores cassados e da discussão das minhas cartas na defesa cultural dos mesmos. Quando foi chegando 11h30, 11h45, mais ou menos, não dava mais tempo de discutir caso a caso. E aí o vice-reitor, que era da Faculdade de Odontologia de Araraquara, já tinha sido diretor, disse: "Vamos apressar a discussão desse assunto...".

Esse professor me tratava muito bem, mas sabia que não estava lidando com um isento ou com uma pessoa inativa. Então o reitor botou em discussão, deu o ponto de vista dele, afirmando que não era possível fazer a reintegração, por vários motivos. Várias pessoas se manifestaram mais ou menos a favor do reitor e aí eu senti que não tinha jeito de vencer a parada. Então, eu pedi a palavra, com dois documentos ofertados pela senhora, ex-esposa do professor Antoni, e disse: "Gostaria de dizer aos senhores o que foi feito no Ibilce e eu, com o meu vezo de historiador, procurei registrar o assunto em todos os níveis e sondar as personalidades que foram cassadas. Devo dizer ao senhores que foi uma tragédia para a democracia, durante um período de exceção, como este que nós ainda estamos atravessando." Então disse: "Tenho aqui dois documentos para mostrar aos senhores de que maneira eram cassados os professores e qual o teor das denúncias projetadas para eles por colegas e autoridades de Rio Preto. Não vou dizer como esses documentos chegaram às minhas mãos, mas foi sob protesto que me deram esses dois documentos assinados pelo Sr. Zeferino Vaz e tornados ativos pelo Sr. Adhemar de Barros. Vou só chamar o primeiro de A e o segundo de B." Não sei se esses documentos ficaram no processo devido à interferência do colega que sugeriu a retirada dos mesmos da pauta e dos respectivos dossiês dos casos. Esses, a gente vai ter que descobrir nos papéis dos Campos Elíseos, em frente à antiga sede do palácio, onde se realizava uma espécie de CPI, porque tinha um setor que controlava as universidades, ou seja, as diversas unidades da Unesp.

Quando acabei de ler, foi um silêncio na sala do Conselho, porque eles estavam inteiramente com o reitor, em tudo e, ao mesmo tempo, ouviram coisas desagradabilíssimas, que eles não estavam afeitos a ouvir. Os dois documentos, eu só tinha dois, mas evidentemente deveria haver mais cinco ou seis. Eles mandavam buscar alguns os professores da casa para servirem de testemunhas, para que suas denúncias fossem ouvidas. Foi um desastre do ponto de vista histórico, isso e à revelia de processos. E eles chegavam aqui e se sentiam à vontade para dizer essas coisinhas: "participou do 1º de Maio", "participou de uma alfabetização de adultos", "é uma pessoa reconhecidamente subversiva". Alguns deles eram professores brilhantes e isso não era tolerado por grupos diferentes, inclusive por aqueles que estavam entrando em função da pressão política de pessoas comanditárias do processo administrativo, entrando na escola e não gostavam dessas pessoas que tinham mais cultura e mais capacidade de dar aulas e meios para produzir.

Devo dizer que uma professora, o caso dela é dramático, o marido foi acusado de ter relações com a Rússia. Invadiram a casa dele e foram ver a biblioteca. O pobre do professor tinha uma biblioteca pessoal de linguística acima do nível da sua condição socioeconômica. Aí as autoridades políticas foram olhar todos os livros existentes e encontraram um Dicionário de Russo: "Aqui está a prova de que o senhor tem relações com a Rússia". O professor Di Giorgi era um erudito, disse: "Meus senhores, sou um professor de Linguística e sou um professor orientado para a Filosofia. Tenho a necessidade de saber tudo de tudo, não tenho limites. Mas já que os senhores pegaram um dicionário, faço questão que os senhores escrevam quais os dicionários que tenho ali, naquele setor, onde os senhores encontraram esse. E disse que ficou das 11 h da noite às 5 h da manhã contando e mandando registrar os dicionários que ele possuía em casa: inglês, francês, português, alemão e russo. Foi um vexame cultural a punição que eles queriam dar. Só que ficavam com luz iluminando a pessoa, aquela tortura dessas prisões. Depois, o mandaram para São Paulo, e a senhora dele foi para a casa dos irmãos.

Quanto à senhora dele, a situação foi dramática também, porque anteriormente estava lá, como chefe da cadeira em que ela trabalhava, um grande poeta de origem sírio-libanesa, Jamil Almansour Hadad, famoso naquela época. Escrevia coisas como se fosse uma ave escrevendo, gostava disso. E o Jamil, num período de um dos governantes, não me lembro de quem, parece que do Jango, não sei, o Jamil foi para a China, como um adido cultural na Embaixada ou coisa que o valha. A senhora ficou com todas as tarefas dele para dar as aulas, tratar com os alunos, a colaborar com a Universidade e garantir o retorno de seu chefe quando ocorresse qualquer mudança. Um dia, Jamil escreveu uma cartinha para ela dizendo: "Sei das tarefas que lhe deixei, em São José do Rio Preto e no Ibilce, quero agradecer muito a sua colaboração". Sabe que isso estava no processo policial como uma indicação de relações daquela pessoa com a China, comunista? Um agradecimento, mal interpretado, grampeado, colado numa pasta. Mas, voltemos a falar da reunião.

Ao término da sessão, depois de tudo, o reitor pôs em votação e deu 31 a favor de seu ponto de vista e três, e entre eles esse Chico Graziano. Três a favor da reintegração. Fiquei furioso, fiz o que pude, saí da sala e o reitor saiu atrás. Aí o reitor disse: "Professor Aziz, o senhor balançou o meu coreto, vamos para o meu gabinete". E fui para o gabinete do reitor, que era no fim, à esquerda da sala do Conselho, até hoje me lembro bem dos compartimentos. Mandou-me sentar e disse: "Professor, vou lhe propor uma coisa: o senhor defendeu a reintegração e eu concordaria, desde que eles fossem reintegrados, mas pedissem demissão em suas unidades. Recebemos todos desde que não sejam reintegrados nas suas respectivas unidades, onde certamente iriam existir conflitos entre eles e seus denunciadores. Pela própria leitura que o senhor fez, houve problemas de conflitos de professores que acabaram dedurando os seus colegas". Eu disse: "O que que o senhor quer que eu faça?" E ele disse: "Não, está resolvido, serão reintegrados." Eu digo: "Não foram aprovadas na reunião oficial." "Deixa comigo, isso passa a ser assunto meu." Olhe bem como é que eram as coisas. Só me fez um pedido especial: "Para eu reintegrar, o senhor tem que falar com um por um desses professores, para que eles não queiram ir para dentro da unidade, que eles se conformem com uma demissão. Aposentam-se, apaga-se tudo do passado etc." Aí eu digo: "Posso falar com quase todos, mas se algum não quiser, o que eu vou fazer?" "Esse eu não reintegro."

Tive que procurar todos e aquela questão da humilhação enorme que eles sofreram, alguns queriam voltar para suas respectivas unidades, de onde foram expulsos. E aí o reitor tem um pouco de razão, ia ser um enfrentamento *a posteriori* muito grave nas unidades, porque aí eu já conhecia as pessoas que tinham dedurado seus colegas. Um deles disse: "Não, eu quero voltar porque perdi a minha mulher, os meus filhos, me desquitei, sofri horrores aqui em São Paulo, morava na boca do lixo com a camisa toda rasgada, costurada inteirinha, nunca vi nada igual, eu quero voltar". Eu digo: "Mas você não deve voltar". "Ah, mas eles foram muito safados comigo etc." E eu digo: "É que você não está no rol das cassações políticas, foi a cidade inteira que trabalhou contra você". Aí ele concordou.

Aquele casal que sofreu muito, só para se ter uma ideia do sofrimento, o professor, chefe de família, veio para São Paulo procurar aulas em coleginhos simples, depois de ter sido professor universitário, para poder sobreviver, para poder comer. E ele lecionava 15 dias, dois meses, todo mundo gostava dele, de repente sabiam que ele fora cassado em Rio Preto e o despediam. E um dia isso me foi contado por um professor da Universidade de São Paulo, um dia se soube que o casal se reuniu de novo em São Paulo e foi morar num apartamento na rua da Consolação e os dois filhos, três, dois ou três filhos, pequenos. Aí, eu senti a necessidade de visitá-lo lá, no apartamento. Cheguei lá no prédio, perguntei ao porteiro por um professor Di Giorgi, sou o professor Aziz, e o porteiro disse: "Eu não conheço esse professor". E eu disse: "Mas tenho indicação que ele está morando aqui". Aí ficou aquele quiproquó, de repente o porteiro diz: "A não ser um casal, com três filhos, que está morando num porão aqui, na casa ao lado". Moravam num porão, ao lado do edifício, isso precisa ser revelado. Ao lado do

aquecedor, sem janela, sem ventilação, sem nada. As consequências de todas essas coisas provocadas por colegas que usaram a revolução para fazer os revanchismos imorais, quase que estou dizendo burgueses, direitistas contra os professores que nem eram bem esquerdistas, já que eram pessoas que tinham apenas ideais sociais avançados.

São pessoas que tiveram atuações muito importantes desde o início da instalação da unidade, da faculdade inicial, ainda antes da Unesp, eles se comportaram assim, sobretudo quando houve uma rebelião agrária, eles ajudaram as pessoas. Foi o único lugar que recebeu as pessoas do campo que estavam cheias de problemas, e depois o governo Carvalho Pinto mandou duas pessoas para resolver as sérias questões desse motim agrário, entre elas o dr. Plínio de Arruda Sampaio, pessoas que trabalharam muito bem e atenuaram a situação do conflito, e Paulo Emílio Vanzolini. O Plínio, que era um chefe de visão mais socialista, o Vanzolini, teve um excelente comportamento.

A questão agrária à qual estiveram relacionados os docentes do Ibilce foi relativa à Liga Camponesa de Santa Fé do Sul. Desde o início, quando ainda era uma faculdade isolada, houve uma correta ação para atender aos membros da Liga Camponesa, um fato que gerou uma indisposição contra a instituição por muitos anos subsequentes.

Mas voltando ao relato, esse caso, por exemplo, do professor que morava ali no porão de um predinho da Consolação, me deixou extremamente entristecido. Visitei o casal em outra oportunidade e ele queria voltar a Rio Preto, se fosse anistiado.

Ninguém soube muito do trabalho da gente na recuperação social dos professores, recuperação social e socioeconômica, porque estiveram por 17 anos demissionários, sem qualquer direito a proventos por parte da Universidade, tendo sofrido todos esses horrores.

### **Um ligeiro balanço de uma gestão**

Terminei o meu mandato até o último dia, no penúltimo dia ainda pude fazer uma excursão ao sudoeste de Goiás, para visitar uma região que foi de fundamental importância na minha área de pesquisador de campo. No penúltimo dia, fui até Aragarças, que é um lugar que eu tinha conhecido quando estudante de pós-graduação, de especialização, tinha ido para o Brasil Central, até Aragarças, que naquele tempo estava com a Fundação Brasil Central e conheci todo esse sudoeste de Goiás: Rio Verde, Jataí e certas áreas mais distantes, depois de escarpas e topografias multiformes. Foi muito importante na minha vida, em 1946, ter ido até os confins do sudoeste de Goiás, até a fronteira com o Mato Grosso. Então fui, no penúltimo dia em 1982, simbolicamente, até a mesma área para ver como é que ela estava: já estava totalmente modificada por causa da influência de Brasília. Cidades que eram ruas, dos dois lados, com poucas casas e algumas engenhocas, alguns monjolos, de repente já tinham sete bancos. A evolução foi forçada pelas circunstâncias econômicas e sociais depois da construção de Brasília e da influência da rota de São Paulo a Brasília, em decorrência da implantação de nova capital. E até logo, até logo e vim embora.

Do meu ponto de vista, pessoal, foi bastante gratificante, do ponto de vista ético, o trabalho naquela unidade. E também do ponto de vista da experiência em relação ao conhecimento do comportamento de homens, de professores e de intelectuais. E também do comportamento das burguesias urbanas de raízes rurais, dotadas de uma força política enorme. O que me levou, mais tarde, a saber de uma coisa que li; que existe uma dicotomia muito grande entre o poder e o conhecimento, e que o conhecimento, por melhor que seja, produzido nas universidades e instituições de pesquisas tem dificuldades para varar o bloqueio do poder, porque o poder é reorientado por pessoas e grupos comanditários, quando não, especuladores.

Aprendi isso por causa dos meus quatro anos de vivência em Rio Preto. Não tenho nenhuma queixa, nem mesmo dos professores que deduraram, alguns deles já morreram, compareci aos enterros aqui em São Paulo, para cumprimento, dar os meus pêsames à família. E um deles, mais tarde, me convidou para conferência em Rio Preto e eu fui. Alguns sofreram muito no fim da vida por causa da sua radicalidade e porque a vida não termina bem para cada um de nós. Foi uma coisa muito importante na história da minha vida cultural, humanal, social e educacional. E vou lhes dizer: hoje sou muito mais educador do que pesquisador, que foi o começo da minha carreira, porque aprendi que a educação é totalmente fundamental em países de terceiro mundo, e para resolver todos esses bloqueios que estão presentes até hoje.

---

<sup>i</sup> Entrevista concedida ao CEDEM pelo professor Aziz Nacib Ab'Saber, em 27 de junho de 2001. Foram entrevistadoras as pesquisadoras Anna Maria Martinez Corrêa e Márcia Regina Tosta Dias.